



Vidas caladas: a voz feminina na obra São Bernardo de Graciliano Ramos

Quiet lives: the female voice in the work São Bernardo de Graciliano Ramos

Maria Claudicélia Curvêlo da Silva¹; Cristiano Cezar Gomes da Silva²

⁽¹⁾Mestranda; Universidade Estadual de Alagoas-UNEAL; Arapiraca-AL; E-mail:claudicelia_letras@hotmail.com

⁽²⁾Professor do Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas Territoriais e Cultura da Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL. E-mail: cristianocezar.pe@bol.com.br

Recebido em: 14 de novembro de 2019; Aceito em: 05 de janeiro de 2020; publicado em 10 de 01 de 2020. Copyright© Autor, 2020.

RESUMO: A presente pesquisa teve como objetivo investigar a representação da figura feminina na obra *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, especificamente no que se refere aos aspectos da violência e da opressão. Nesse sentido, buscou-se compreender a representação do feminino a partir do viés cultural da época de publicação da obra, enfatizando os fatores de dominação, submissão, silenciamento e exercício de poder sobre o gênero feminino. Para tanto, a escolha dessa obra como *corpus* da pesquisa foi motivada por representar uma personagem feminina complexa, imponente que compartilha de pensamento emancipador em meio a um período marcado pelo patriarcado. Assim, este estudo proporcionou percorrer um percurso interdisciplinar a partir das áreas dos estudos culturais, estudos literários e crítica feminista, contextualizando o período histórico representado na obra. Por outro lado, o romance também nos permitiu analisar a trajetória da mulher, situando as imposições e restrições através dos papéis preestabelecidos pela cultura e sociedade do período, além de possibilitar o estabelecimento de correlações com a mulher e o seu papel na contemporaneidade. Durante a investigação, consegue-se observar marcas do preconceito e da inferiorização enfrentados pelo gênero feminino, principalmente em relação às funções impostas no convívio social, prevalecendo uma hierarquia entre os gêneros masculino e feminino, ressaltando a dependência e a submissão feminina. A pesquisa teve como fundamentação teórico-metodológica as concepções de Beauvoir (1980); Benedict (2013); Friedan (1971); Laraia (2009); Ortner (2017) Tedeschi (2008), dentre outros. Neste trabalho, foram observados traços que representaram o caráter agressivo e dominador do homem, enquanto sujeito social e culturalmente considerado superior perante a mulher, idealizada como gênero mais frágil e auxiliar do homem. Ao longo da investigação, percebemos, em *São Bernardo*, a atribuição da inferiorização atribuída à mulher.

PALAVRAS-CHAVE: Graciliano Ramos. São Bernardo. Mulher.

ABSTRACT: This research aimed to investigate the representation of the female figure in Graciliano Ramos' work *São Bernardo*, specifically regarding the aspects of violence and oppression. In this sense, we sought to understand the representation of the feminine from the cultural bias of the time of publication of the work, emphasizing the factors of domination, submission, silencing and exercise of power over the female gender. To this end, the choice of this work as a research corpus was motivated by representing a complex, imposing female character who shares emancipating thought in the midst of a period marked by patriarchy. Thus, this study provided an interdisciplinary course from the areas of cultural studies, literary studies and feminist critique, contextualizing the historical period represented in the work. On the other hand, the novel also allowed us to analyze the trajectory of women, situating the impositions and restrictions through the preestablished roles of the culture and society of the period, as well as enabling the establishment of correlations with women and their role in contemporary times. During the investigation, it is possible to observe prejudice and inferiority marks faced by females, especially in relation to the functions imposed on social life, prevailing a hierarchy between males and females, emphasizing dependence and female submission. The research had as theoretical and methodological foundation the conceptions of Beauvoir (1980); Bosi (2007); Candido (2006); Friedan (1971); Geertz (2008); Hall (2006); Laraia (2009); Ortner (2017) Tedeschi (2008), Woolf (1928), among others. In this work, traits were observed that represented the aggressive and domineering character of men, as socially and culturally considered superior subject before women, idealized as the most fragile and auxiliary gender of men. Throughout the investigation, we noticed, in *São Bernardo*, the attribution of the inferiorization attributed to women. In this sense, scholars consider gender inequalities a reality that exists independently of the social group and in the most diverse types of society, and the way women are treated according to the time and culture in which they operate is varied.

KEYWORDS: Graciliano Ramos, St Bernard, Woman.

INTRODUÇÃO

Este estudo faz uma abordagem referente a representação feminina, destacando fragmentos da obra São Bernardo de Graciliano Ramos, no que tange aspectos que revelem traços referentes a visão patriarcal, a objetificação da mulher e as marcas discursivas de poder. Tendo em vista que durante todo o trajeto da narrativa, torna-se nítido a era patriarcal, além da problemática da violência e opressão. Nessa direção, buscaremos elementos que revelem e comprovem a presença da inferiorização feminina, tendo como alicerce o romance e buscando como suporte o contexto social e cultural, visto que é de suma importância a junção e explanação de ambas as áreas.

O MUNDO ENTRE PAREDES: ANÁLISE DA PERSONAGEM FEMININA DA DOMINAÇÃO AS TRANSFORMAÇÕES DAS RELAÇÕES DE GÊNERO”

Adiante, elenca-se fragmentos da obra, os quais consta uma abordagem sobre as temáticas violência e silenciamento da mulher. Seguindo o trajeto do romance, observa-se um trecho no qual Paulo Honório profere palavras severas contra a sua esposa, demonstra raiva e covardia, de modo que se trata de um ser desprovido de sentimentos e caridade, movido pela ganância e desejos lucrativos. Sendo assim, Graciliano Ramos deixa claro no fragmento exposto:

-Estúpida! Exclamei com raiva. E pensei no vestido de Rosa, nos sapatos e nos lençóis da velha Margarida –Desperdício. Depois recordei o volante e o dínamo. **Estúpida!** Está visto que Madalena não tinha nada com o descaroador e a serraria, mas naquele momento não refleti nisso: **misturei tudo e a minha cólera aumentou. Uma cólera despropositada.** Esqueci os presentes que, há alguns anos, a Rosa me comeu (pó-de-arroz, voltas de conta) e as despesas que fiz com Margarida, até automóvel ao sertão, até clichês para o jornal do Gondim. O que me pareceu foi que Madalena estava gastando à toa. (RAMOS, 1994, p. 120. grifos nossos.)

O personagem é maldoso, sem escrúpulos, utiliza palavras carregadas de sentimentos contraditórios para uma pessoa que deveria amar a outra. Tudo isso, por serem tão divergentes quanto à filosofia de vida, tendo em vista que Paulo Honório era empreendedor, sendo suas ações motivadas para o ganho, já Madalena possuía um coração puro, que se concentrava em ajudar as pessoas ao seu redor, através do combate às injustiças e doações para os mais necessitados, o que enfurece intensamente o esposo

que condena tais atitudes, até mesmo a ajuda encaminhada para a mulher que lhe criou, dona Margarida.

Assim, Octávio Paz autor do livro, *O Labirinto da Solidão* (1984, p. 34) agrega tal pensamento: “O homem, diz o mexicano, é um composto, e o mal e o bem sutilmente se misturam em sua alma”. Comprova-se diante do desenrolar da narrativa que o fazendeiro de fato é um ser possuído de dualidade, ora permanece instintos benevolentes, quando se recorda da velha margarida sendo o seu exemplo de cuidadora, ora brota-lhe egoísmo, ambição, ganância e ódio, na verdade em praticamente todo o texto, o narrador reflete um caráter duvidoso. Desse modo, existe uma hostilidade presente nos enunciados discursivos de Paulo Honório, compreendendo uma marca determinante do seu descontrole, afeta todos os participantes da trama, sobre isto, Ramos revela:

À noite reuni Marciano e Padilha na sala de jantar, berrei um sermão comprido para demonstrar que era eu que trabalhava para eles. Mas atralhei-me e contentei-me com injuriá-los: - Mal-agradecido, estúpidos. Amunhecaram, e baixe a cabeça: - Juízo de galinha. Embarcando em canoa furada! Tontos. Dei-lhes conselhos. Encontrando macieza Luís Padilha quis discutir; tornei a zangar-me, e ele se convenceu de que não tinha razão. Marciano encolhia-se a cabeça dentro do corpo. Parecia um cágado. Padilha roía as unhas. (RAMOS, 1994, p. 60).

Assim, percebemos, a postura do fazendeiro perante os funcionários, constatando-se uma soberania, principalmente referente a Padilha, que era o único herdeiro de São Bernardo e perdeu as terras por dívidas extorquidas por Paulo. Este adorava exibir os benefícios operados por ele na terra, adorava menosprezar o outro. “Quanto ao Padilha, eu sentia prazer em humilhá-lo mostrando-lhe os melhoramentos que introduzia na propriedade”. (Ramos, 1994, p. 60). Neste trecho, expõe a nítida satisfação do dono de terras, os personagens eram coagidos e presenciavam situações centradas de autoritarismo e ignorância. Em outro excerto, também poderemos observar o quanto o poder ofuscava Paulo Honório, deixando-o sem limites:

-Ainda agorinha os cochos estava cheios. Nunca vi gado comer tanto. E **ninguém aguenta mais viver nesta terra. Não se descansa.** Era verdade, mas nenhum morador me havia ainda falado de semelhante modo. -**Você está se fazendo de besta, seu corno? Mande-lhe o braço ao pé do ouvido e derrubei-o. Levantou-se zozzo, banbeando, recebeu mais uns cinco trompaços e levou outras tantas quedas. A última deixou-o esperneando na poeira. Enfim, ergueu-se e saiu de cabeça baixa, trocando os passos e limpando com a manga o nariz, que escorria sangue. Estive uns minutos soprando.** (RAMOS, 1994, p. 108)

A discussão principiou-se pelo fato de Paulo Honório ter ido averiguar a alimentação dos bichos e segundo ele estariam com fome. Quando foi ao encontro de Marciano, funcionário responsável por esta função, o encontra conversando com Padilha. Fazendo-lhe uma abordagem com inúmeros insultos. Sendo assim, Marciano retruca: “Ninguém aguenta mais viver nesta terra. Não se descansa”. Demonstra o relato de funcionários que trabalham em demasia e o pior, são tratados como bichos, maltratados, açoitados, havendo leis as quais o defendam, entretanto não eram executadas.

Paulo Honório pratica o domínio assíduo para com todos que o cerca, acha-se proprietário, manda e desmanda, simplesmente por concentrarem em suas terras e receberem um salário de miséria. Graciliano Ramos a partir do seu personagem narrador, denuncia também os senhores de terras da época, pois mesmo após a abolição da escravatura, continuam destrutando os seus empregados. Ninguém escapa das garras opressoras do fazendeiro, efetua-se, por conseguinte a continuidade de sua postura, diante da expressividade grosseira para com a tia de Madalena, dona Glória, uma senhora a qual teria trabalhado com distintas funções para sustentar e custear os estudos da sobrinha. Vejamos:

D. Glória chegou à porta, assustada. – Pelo o amor de Deus! Estão ouvindo lá fora. Perdi a cabeça: - **Vá amolar a puta que a pariu. Está mouca, aí com a sua carinha de santa? É isto: puta que a pariu. E se achar ruim, rua. A senhora e a boa de sua sobrinha compreende? Puta que pariu as duas.** D. Glória fugiu com o lenço nos olhos. (RAMOS, 1994, p. 141)

Evidencia-se um homem que se aproveita do poder que detém por intermédio das suas posses, cumprindo com atribuições que geram desprezo e falta de respeito com as mulheres, aliás com a maioria das pessoas envolvidas na trama. Inferioriza a esposa, que mesmo estando casada, recebe um tratamento de ausência de direitos e voz na fazenda. É perceptível o quanto o fazendeiro tem intrínseco como sua propriedade está à frente de todas as coisas, ressalta uma supremacia diante das mulheres, ao relatar que se estiverem achando ruim que vão embora, tratando-as como não possuísem nada do seu patrimônio. A verdade é que o homem predominantemente insere discursos autoritários para mostrar às mulheres que, por menor ou maior que sejam as posses, ele foi o responsável pela aquisição. Friedan (1971) traz um relato sobre a realidade da mulher, ratifica que:

Mulher imutável, infantil, seu lugar é em casa, diziam-lhe. Mas o homem estava evoluindo; seu lugar era o mundo e este mundo se ampliava. A mulher estava ficando para trás. A anatomia era o seu destino; podia morrer de parto, ou viver até os trinta e cinco, depois de doze filhos, mas era o homem que controlava seu destino com uma parcela da anatomia que nenhum outro animal possui: a mente. (FRIEDAN, 1971, p. 72)

O homem sempre concentrou-se em uma situação de conforto, justamente por ser o motorista da sua própria vida, ele que decidia a carreira que gostaria de seguir, o representante do país, a mulher com quem quisera casar e construir uma família dentre outras escolhas. Tendo como norteadora a mente, visto que afirmavam que a mulher não possuía conhecimentos, em suma consciência, sendo apenas guiados por tarefas transpassadas automaticamente no decorrer dos tempos. Paulo Honório não se comportava de maneira distinta, como tinha conhecimentos referentes a procriação de animais, lavoura e plantações, além de ser o mentor das despesas da casa, tratava a esposa de maneira inferior, por mais que ela tivesse saberes à frente das mulheres da época. Dando continuidade, insere-se a contribuição de Clarissa Pinkola Estes (1994) a qual afirma que:

Minha própria geração, posterior à Segunda Guerra Mundial, cresceu numa época em que as mulheres eram infantilizadas e tratadas como propriedade. Elas eram mantidas como jardins sem cultivo... mas infelizmente sempre chegava alguma semente trazida pelo vento. Embora o que escrevessem fosse desautorizado, elas insistiam do mesmo jeito. As mulheres tinham de implorar pelos instrumentos e pelo espaço necessários às suas artes; e, se nenhum se apresentasse, elas abriam espaço em árvores, cavernas, bosques e armários. (ESTES, 1994, p.08)

A autora, igualmente alguns autores já citados, enfatiza a questão da mulher objetivada, fato este que permanece até os dias hodiernos. Todavia, de maneira quase poética a referida menciona afirmações dotadas de metáforas, responsáveis por enriquecerem ainda mais o texto, apresentando as mulheres como “jardins sem cultivo”, produzindo uma significância relacional intensa. Compreendendo-se uma mulher carente de cuidados, cercada de privações, impossibilitada de florescer e criar ramificações. Dessa maneira, impulsiona-se um diálogo concomitantemente com Williams, (2007) cuja contribuição foi a origem do termo cultura, interligando com o ato de cultivar, cuidar, honrar e proteger. Tornando-se, portanto, oportuno correlacionar ambos os textos, sendo assim o jardim feminino renasce mais forte, em consonância com a cultura que encontra-se impregnada nos seres humanos. Mesmo com as tentativas de inferiorizar as mulheres, sempre haverá algo para solidificar, por mais que lhe fechassem portas, elas

abriam portões, e ainda continuam a abrir. Conforme a narrativa, o autor Ramos (1994) revela um dos discursos agressivos de Paulo Honório:

Fui andando de mal a pior. Tive a impressão de que me achava doente, muito doente. Fastio, inquietação, constante e raiva. Madalena, Padilha, que trempe! O meu desejo era pegar Madalena e **dar-lhe pancada até o céu da boca. Pancada em D. Glória também**, que tinha gasto anos trabalhando como cavalo de matuto para criar aquela sobrinha (RAMOS, 1994, p.139).

Sendo assim, a ótica que permeia as atitudes de Paulo Honório é sempre dominar e solucionar os problemas por meio da violência, agressividade, dominação e persuasão. Esses elementos são marcantes em sua atuação, visto que são determinadores das conquistas da vida do fazendeiro. É notório o quanto o personagem alimenta o sentimento de raiva para com a sua esposa e também a sua tia, inclusive chegando a proferir um discurso perverso e impiedoso referente à vontade de dar pancadas em ambas as personagens. Gonçalves (2012) destaca o discurso predominante de Paulo Honório:

Além do objetivo de impor aos outros o pensamento baseado na propriedade privada dos meios de produção, Paulo Honório, após alcançar uma posição de poder, pretende, com seu discurso autoritário, sufocar as aspirações dos personagens sobre os quais exerce domínio. A opinião dos outros deve ser silenciada e, para isso, ele recorre à censura, ao banimento, à violência e à desqualificação deles, ao enfatizar os percursos temáticos de moralização e da manutenção da ordem como formas de proteção dos seus interesses.

A crueldade e a desconfiança eram outras marcas registradas do fazendeiro, de maneira que era autoritário ao ponto de não aceitar a opinião dos outros, somente ele era o dono da verdade. As mulheres eram as principais vítimas deste discurso altamente manipulador, o qual provocava medo e, conseqüentemente, o silêncio, em especial a Madalena e aos funcionários, eles não tinham coragem de enfrentá-lo, simplesmente aceitavam os seus comandos e obstinações. Inicialmente, Madalena até o enfrenta, questiona suas ações, no entanto, Paulo Honório era ignorante nos gestos e palavras, a única mulher a qual ele respeitava era mãe Margarida, por ter sido ela a cuidadora dele desde a infância, por ela demonstrava afeto e preocupação. Conseqüente, Orlandi (2007, p.23) explicita uma postura referente ao silêncio, afirmando que: “o silêncio não é mero complemento de linguagem. Ele tem significância própria”. Ele não expressa em palavras, mas significa. Manifesta-se de várias formas, sendo objeto de estudo e reflexão de áreas interligadas com a Psicanálise, Filosofia e Linguística, tem sua maneira

particular de significar, relacionando-se com palavras sem obrigatoriamente de se reduzir à escassez ou a complementação delas.

O silêncio e a palavra são dois elementos essenciais e indivisíveis da linguagem, ou seja, o silêncio faz-se presente na comunicação verbal como um elemento fundamental na diferenciação de sentido entre as palavras; ao mesmo tempo, ele próprio é significativo, na medida em que o silêncio é produtor de sentido, isto é, possui uma função expressiva dentro da ação da linguagem. (SCIACCA, 1967, 14-15).

Nesse sentido, Madalena de ativa e viva nos gestos, passa a padecer em seu silêncio, sofre com acusações tendenciosas e sem freio do Marido. Há um exageramento de violências psicológicas, as quais impulsionam a personagem a viver martírios e sofrimentos desastrosos, ao ponto das respostas exteriorizarem-se através de lágrimas e sufocamento. Ainda compactuando com as contribuições de Eni Orlandi (2007, p. 68), ressaltando o “silêncio fundador, ou fundante, princípio de toda significação”. Sabe-se que o silêncio é impossibilitado de ser descrito por palavras, no entanto por intermédio da observação discursiva, compreende-se o emaranhado de sentidos. No tocante, insere-se um trecho da obra, o qual confirma e deixa claro o estado emocional de Madalena, como também o sentido provocado pelo seu silêncio validado em lágrimas.

Madalena chorava, chorava, até que por fim, cansada de chorar, pegava no sono. Encolhia-se à beira da cama, para evitar o contato dela. Quando ia adormecendo, percebia o ranger de chave em fechadura e o rumor de telhas arrastadas. Despertava num sobressalto e continha a respiração. Quem estaria futucando portas? Quem estaria destelhando a casa? (RAMOS, p.154-155).

Em linhas gerais, não restam dúvidas sobre a relevância da comunicação verbal, mas é notório a validação do silêncio, já que este não representa algo vago, o nada, justamente por conter uma linguagem presente no viés do pensamento, da introspecção ou mesmo da contemplação. Diante do excerto da obra, deparamo-nos com uma mulher exaurida, cujo desespero encontra-se no limiar de sua face, presenciando um casamento esgotado, o qual extrai as suas forças, restando-lhe apenas as lágrimas como sinônimo de expressão. Nessa fase, a quietude permeia a rotina de Madalena, há uma ausência de sua voz, todavia comporta um silêncio como uma ação de sentido.

Nesta perspectiva, percebe-se o quanto a protagonista, até meados da narrativa concentrava-se em um patamar detentor de autoridade e autonomia, exercia a sua profissão, custeava suas despesas, junto com sua tia, além de receber um salário independentemente de algum laço sentimental, pois era competente em sua função.

Todavia, ao casar-se com Paulo Honório e iniciar os trabalhos nas terras de São Bernardo, intensifica sua subordinação ao esposo, mesmo cumprindo com suas atividades majestosamente, o patrão sente-se superior a esposa. Dessa maneira, é notório o quanto as relações humanas são voláteis, ora, Madalena permanece no estágio de dominadora, ora como dominada, entrando em declínio, principalmente sob a ação a qual mais gostava, o trabalho.

A construção do conceito de poder estar diretamente vinculada a uma representação masculina sobre o mesmo. As mulheres sempre foram representadas como portadoras de “poderes” restritos ao campo da vida privada, cujos significados estiveram associados a seus atributos biológicos (TEDESCHI, 2008, p. 22).

Ao longo das décadas, com o advento do capitalismo, ocorreram modificações e aprimoramentos ideológicos e culturais. Encaminhou-se um processo de apropriação de outros modos de vivência, os quais geraram um novo modelo de organização social, proferidas pelo Estado e os participantes da sociedade. Ocorreu-se o êxodo rural, as pessoas começam a migrarem para as cidades a procura de melhores condições de vida. Nestes, insere-se as mulheres que têm a oportunidade de trabalharem nas indústrias em diversas funções, sendo contratadas justamente por custearem para as empresas bem a baixo do valor se comparado o salário dos homens. A mulher sempre esteve na categoria de dominada, enquanto os homens de dominante, são personagens reais as quais foram e ainda continuam sendo retraídas, havendo o sufocamento e o desrespeito, tanto em situações elevadas quanto mínimas.

Nesse contexto, naquele período o poder concentrava-se nas mãos dos dominadores e os dominados eram silenciados. Sobre isto, abre-se o questionamento de Michel Foucault (2007, p. 8): “mas, o que há, enfim, de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente? Onde, afinal, está o perigo?” O porquê de os menos privilegiados também não expressarem sua voz? Afinal há conhecimentos que não são adquiridos”. Graciliano Ramos ao desenvolver a personagem, Madalena rompe com os padrões da época, idealizando a mulher do futuro, aquela que estuda, trabalha, é inteligente, curiosa, possuidora do senso crítico, dentre outros. A personagem antes mantinha-se em circunstâncias reprimidas tanto internamente quanto externamente, gerando um desconforto, adquiriu vida e voz, independentemente de ser a partir do narrador. Acusa condições e confrontos humanos, em cíclicos momentos, os quais os comportamentos da professora, Madalena introduzem

características humanas. No momento o qual as pessoas dominadas conquistam mudanças mesmo que mínimas, desprendendo o elo de dominante e dominada, criam coragem e impõem medo aos opressores, expondo uma força a qual esteve guardada por diversos anos. Segundo Foucault apud Tedeschi: “O poder é uma prática social, e por isso mesmo, é constituído historicamente e articula-se com o econômico, o social, o político, o cultural” (TEDESCHI, 2008, p.23).

Mesmo após o empenho do mestre Graça em construir essa personagem feminina distinta, ocorre um choque patriarcal novamente, impactado pelo esposo de Madalena que começa a piorar suas ofensas. Madalena adentra em um calabouço ainda mais profundo, Paulo Honório questiona-se quanto à fidelidade de sua esposa, imaginando ser traído, indaga: “E se eu soubesse que ela me traía? Ah! Se eu soubesse que ela me traía, matava-a, abria-lhe a veia do pescoço, devagar, para o sangue correr o dia inteiro” (RAMOS, 1994, p. 150). Na sua forma mais típica, a agressividade em um relacionamento, manifesta-se a partir de uma ânsia do indivíduo controlar e dominar o outro. Ao proferir tamanho desequilíbrio, tenta redimir-se de sua maldade ao afirmar que:

Mas logo me enjoava do pensamento feroz. Que rendia isso? Um crime inútil! Era melhor abandoná-la, deixá-la sofrer. E quando ela tivesse viajado pelos hospitais, quando vagasse pelas ruas, faminta, esfrangalhada, com os ossos furando a pele, costuras de operações e marcas de feridas no corpo, dar-lhe uma esmola pelo amor de Deus (RAMOS, 1994, p. 150).

Saltam aos olhos como o personagem é ambíguo, visto que ele mesmo afirma “enjoava do pensamento feroz”, todavia, logo após, traz um discurso fundamentalmente cruel, ríspido e, sobretudo, de dominação e apoderamento da mulher, tendo em vista que se considera financiador da sobrevivência, saúde e existência feminina. Desse modo, demonstra que, se a mulher não estiver ao lado do homem, estará condenada ao fracasso, sendo vítima da miséria, ausência de cuidados e tratada como algo sem relevância. Consta-se uma reflexão conturbada do protagonista, principalmente quando se trata de Madalena, que era uma mulher instigadora do pensamento revolucionário feminista da época. Estudiosa, com profissão estabelecida, intelectual, escritora, o que indica que, possivelmente, não iria ser conduzida a ruínas e tamanho desastre. A personagem feminina antes de casar-se era a responsável por sua sobrevivência, o que revela que a mulher tinha condições de sustentar-se sem o auxílio do sexo oposto.

Na sociedade atual, torna-se nítido a percepção existencial de diversas formas heterogêneas de violências contra a mulher. Tais ocorrências são vislumbradas entre sujeitos distintos, envolvendo os mais variados gêneros, no entanto o ímpeto direciona-se continuamente ao gênero feminino, ocupando um estágio de destaque mundial. Segue os tipos de violências:

- **Violência Psicológica-** É toda ação ou omissão que causa ou visa causar dano à autoestima, à identidade ou ao desenvolvimento da pessoa, como: Chantagem, Ameaças, Confinamento doméstico, Insultos constantes, Isolamento de amigos e familiares etc;
- **Violência Sexual-** compreende uma variedade de atos ou tentativas de relação sexual sob coação ou fisicamente forçada, no casamento ou em outros relacionamentos, exemplos Estupro dentro do casamento ou namoro, assédio sexual, Abuso sexual dentre outros;
- **Violência Física-** ocorre quando um indivíduo executa agressões contra outra pessoa, como por exemplo: tapas, socos, Lesões por armas ou objetos etc.
- **Violência Patrimonial.**

Os atos agressivos ocorrem ininterruptamente, basta assistirmos alguns minutos os jornais televisivos e/ou ler os principais jornais online e/ou impressos que haverá sempre noticiários informando-nos novos feminicídios. Abre-se, portanto, o questionamento: Existem mulheres que agredem os homens? Sim, há mulheres concentradas em quadros de agressividade contra os homens, todavia a diferença é facilmente identificada entre o tipo de violência apresentada pelas mulheres e aplicadas pelos mulheres. Colabora-se com Chauí (2003), quando este diz:

A violência se opõe à ética porque trata seres racionais e sensíveis, dotados de linguagem e de liberdade como se fossem coisas, isto é, irracionais, insensíveis, mudos, inertes ou passivos. Na medida em que a ética é inseparável da figura do sujeito racional, voluntário, livre e responsável, tratá-lo como se fosse desprovido de razão, vontade, liberdade e responsabilidade é tratá-lo não como humano, e sim como coisa (CHAUÍ, 2003p. 42).

Durante séculos, os homens agiam livremente na inserção do comando, controle e até mesmo mediante punições nas parceiras. Hodiernamente, ocorreram várias mudanças, possibilitando um pouco mais de proteção ao gênero feminino, principalmente

com a formulação de leis projetadas para o auxílio a mulher agredida, especificamente a lei Maria da Penha, entretanto na prática, ainda compreende adaptações. Segmentando, insere-se este trecho o qual a personagem profere um discurso repleto de maldade:

- Que estava fazendo aqui? Rezando? É capaz de dizer que estava rezando. – Ainda? Repetiu Madalena. Esperei que ela me sacudisse desaforos, mas enganei-me: pôs-se a observar-me como se me quisesse comer com os olhos muito abertos. **Ferviam dentro de mim violências desmedidas. As minhas mãos tremiam, agitavam-se em direção a Madalena.** Apertei-me para conter os movimentos[...] (RAMOS, 1994, p. 160).

Paulo Honório é o típico representante do homem hostil, o qual resolve seus questionamentos e problemas por meio da agressividade. Este excerto, configura sua ânsia desmedida de atacar sua esposa, de maneira que ele mesmo segura as mãos para conter-se. Entende-se a não concretização dos atos, justamente por Madalena silenciar aos insultos do marido, controlando-se e por isso, livrando-se de desconfortos mais sérios. Paulo Honório ainda complementa:

Nem sei quanto tempo estive ali, em pé. A minha raiva se transformava em angústia, a angústia se transformava em cansaço. – Para quem era a carta? E olhava alternadamente Madalena e os santos do oratório. Os santos não sabiam, Madalena não quis responder. O que me espantava era a tranquilidade que havia no rosto dela. **Eu tinha chegado fervendo, projetando matá-la.** Podia viver com a autora de semelhante maroteira?

Apesar disso, a violência doméstica imposta a mulher não se caracteriza apenas pelo estado visível e exemplificado no Código Penal. O cenário ultrapassa este viés, afeta intimamente a vítima. As marcas expostas na mulher, hematomas, arranhões e a ameaças, responsáveis por orientar a mulher a pedir ajuda, na maioria das vezes é apenas a ponta do iceberg. Barbara M. Soares pontua um questionamento o qual induz tal reflexão: “Você já deve ter conhecido alguns homens que se queixam da violência de suas parceiras - mas já ouviu falar de um homem...”

Que vive aterrorizado, temendo os ataques da mulher? Que seja abusado sexualmente por ela? Que tenha se isolado dos familiares e amigos por pressão ou por vergonha da situação que está vivendo? Que tenha perdido a liberdade de ir aonde quer, de trabalhar ou estudar? Que viva assustado por não conseguir proteger os filhos? Que se sinta o tempo todo humilhado e desqualificado, impotente e sem saída? Que viva pisando em ovos para não despertar a ira da mulher? Que seja totalmente dependente dos ganhos da companheira e, portanto, sem nenhuma autonomia? Que tenha perdido a auto-estima e esteja destruído psicologicamente pela parceira? Que tenha medo de deixá-la e que acabe sendo morto por falta de proteção? (SOARES, 2005, p.17-18).

A autora expõe de maneira significativa indagações repletas de clareza e verdade. Naturalmente é predominantemente impossível encontrar um homem em uma situação destas. Vivendo e participando passivamente de atos, exatamente como as milhares de mulheres enfrentam. Soares provoca uma ação longa, dos insultos, provocações e humilhações as quais as mulheres suportam diariamente em suas rotinas domiciliares. Tais injúrias, existem de forma camuflada, há de fato vontade em tornar o ato consumado, portanto gerando um risco real de homicídio. Geralmente, a mulher permanece nesta situação, por extensos períodos de abusos físicos, emocionais ou sexuais provocando-lhe um medo intenso que a paralisa e a enfraquece. Sendo assim, ocorre um pronunciamento de história, a qual abrange mínimas ações, sinais, gestos e mensagens utilizadas com o intuito de permanecer controlando a vítima.

PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

A pesquisa consta de uma abordagem de cunho essencialmente bibliográfico, com a finalidade de contemplar atividades como: a) leitura; b) análise; c) interpretação de textos. Sob fundamento que tais estratégias metodológicas propicia o alcance dos objetivos explanados, atentamo-nos para a apropriação de materiais teóricos confiáveis e seguros, com o intuito de demonstrar resultados concatenados com autores renomados, contemplando desde os mais tradicionais com discussões que deram o pontapé inicial, com os famosos livros clássicos, aos contemporâneos através de leituras que beberam da fonte clássica, mas apontam novos direcionamentos e teorias. O estudo envereda a partir de um olhar detalhado para pesquisas atuais, as quais revelam princípios do problema, cuja, perspectiva histórica, a qual fornece respaldo as pesquisas hodiernas. Corroborar-se com Gil (2008) ao desenvolver a aplicabilidade do tipo de pesquisa:

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Parte dos estudos exploratórios podem ser definidos como pesquisas bibliográficas, assim como certo número de pesquisas desenvolvidas a partir da técnica de análise de conteúdo (GIL, 2008, p. 50).

Nesse sentido, a pesquisa é considerada significativa, justamente por elencar o que teóricas(os) e estudiosas(os) estão discutindo sobre as mais variadas temáticas.

Dessa forma, trabalha com o manuseio de materiais já produzidos, servindo apenas como fonte de aprofundamento teórico. Conforme Gil (2008, p. 50): "A pesquisa bibliográfica também é indispensável nos estudos históricos. Em muitas situações, não há outra maneira de conhecer os fatos passados senão com base em dados secundários". Respectivamente, esta é uma das assertivas que corroboraram com a pesquisa, trilhando rumos bibliográficos, reverenciando a trajetória histórica da mulher no Brasil.

O estudo abrange como base de sustentação o romance, *São Bernardo* sob autoria de Graciliano Ramos, considerado um ícone da literatura brasileira. A princípio a pesquisa vislumbrará tópicos destinados a base teórica do trabalho, incorporando ao estudo da grande área de pesquisa, "Os Estudos Culturais", tendo a referida como referência de embasamento teórico metodológico, a qual dará respaldo a toda linha de discussão. Referente ao desenvolvimento da pesquisa, destacar-se-á discussões acerca de temáticas sobre a representação feminina, principal finalidade do trabalho, enveredada sobre os aspectos inferiorização, dominação, opressão, violência e poder.

No que se refere à natureza dos dados, a presente pesquisa é de natureza qualitativa, os métodos que delimitam as bases de investigação, responsáveis por esclarecerem os procedimentos que delimitam a pesquisa, enquadra-se ao método dedutivo, o qual Gil (2008) o define como sendo:

[...] o método que parte do geral e, a seguir, desce ao particular. Parte de princípios reconhecidos como verdadeiros e indiscutíveis e possibilita chegar a conclusões de maneira puramente formal, isto é, em virtude unicamente de sua lógica. E o método proposto pelos racionalistas (Descartes, Spinoza, Leibniz), segundo os quais só a razão é capaz de levar ao conhecimento verdadeiro, que decorre de princípios a priori evidentes e irrecusáveis. (GIL, 2008, p.09).

Nesta concepção, a pesquisa inicia-se com a consagração universal do gênero feminino, expondo a trajetória a qual enquadra todas as mulheres, e respectivamente acrescenta-se a personagem, Madalena o caso particularizado e interligado ao aspecto generalizado. Tendo como pressuposto a cultura como elemento que garante ao sexo oposto o poder gerador da opressão, dominação e submissão. Acrescenta-se também referente aos meios técnicos de investigação o método comparativo, uma vez que se trata da investigação de "indivíduos, classes, fenômenos ou fatos".

Referente à técnica de coleta de dados está alicerçada a partir de um plano de leitura distribuída da seguinte maneira: a) Levantamento bibliográfico dos livros e textos que servirão como suporte à pesquisa; b) Releitura do romance São Bernardo c) Seleção de textos críticos que abordaram eixos temáticos interligados à pesquisa, a partir

da utilização primordial de livros, artigos, teses e dissertações que apresentem, além do conteúdo necessário para análise, textos que os referenciem.

A análise está sendo realizada de forma minuciosa, partindo do romance inscrito na geração de 1930, *São Bernardo*, o qual evidencia uma investigação de um corpus literário, revelador de problemáticas enquadradas, também, na ótica da contemporaneidade. Dessa forma, apresenta como principal objetivo a verificação da representação feminina a partir dos aspectos constituintes da inferiorização das personagens femininas. Também identifica-se o papel da mulher mediante a perspectiva de subordinação ao gênero masculino, além das imposições sociais estabelecidas no período patriarcal. Dessa forma, é válido ressaltar que está enfatizando a investigação da personagem protagonista nas narrativas, caracterizando-a através de traços no que tange aspectos psicológicos e sociais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste trabalho, foram observados traços que representaram o caráter agressivo e dominador do homem, enquanto sujeito social e culturalmente considerado superior perante a mulher, idealizada como gênero mais frágil e auxiliar do homem. Ao longo da investigação, percebemos, em *São Bernardo*, a atribuição de inferiorização atribuído à mulher. Nessa direção, vários estudiosos, a exemplo de Tedeschi (2008), consideram as desigualdades entre os gêneros uma realidade existente independentemente do grupo social e nos mais diversos tipos de sociedade, tendo variado a forma pela qual a mulher é tratada de acordo com a época e a cultura em que está inserida. Dessa maneira, seguindo os pressupostos de Tedeschi (2008), a matriz filosófica grega afirmava que as mulheres eram “imperfeitas”, logo seguiam uma tendência natural, visto que seriam inferiores e, portanto, submissas aos homens. A mulher daquele tempo sofreria imposições sociais referentes não só à obediência, mas também acatavam os preceitos de submissão como naturalizados dentro da ordem social vigente. Educadas em sua maioria por homens, integradas em uma cultura e educação predominantemente machistas, desempenhavam suas funções sociais incontestáveis e definitivas.

Explicita-se, assim, o quanto a cultura é norteadora no processo de socialização de cada sujeito, a influenciar os seus costumes e as suas crenças. Nessa perspectiva, a concepção de Bruhns (1995, p.72) coaduna-se com essa discussão, pois assinala a cultura

como "um conjunto global de modos de fazer, ser, interagir e representar" [...], em suma um elemento que organiza o pensamento do homem, no que se refere à interação com a sociedade e as ideologias. Durante a investigação, conseguimos observar marcas do preconceito e da inferiorização enfrentados pelo gênero feminino, principalmente em relação às funções impostas no convívio social, prevalecendo uma hierarquia entre os gêneros masculino e feminino, ressaltando a dependência e a submissão feminina. Do ponto de vista metodológico, o estudo evidenciou, principalmente, a partir da análise qualitativa de fragmentos da obra *São Bernardo* a inferiorização, a opressão e a submissão enfrentadas pela mulher da década de 1930 no Brasil, representada pela personagem graciliânica, Madalena.

Por fim, também observamos o empoderamento da personagem, apresentando características peculiares de uma mulher que convive com o machismo e ao mesmo tempo enfrenta as imposições sociais. Ortner (2017), em seu ensaio "Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura?", assinala já no título de maneira interrogativa, uma indagação ao binarismo que continua sólido nos dias atuais, proporcionando a hierarquia entre os gêneros. De acordo com a percepção da autora, o pertencimento feminino a ambas as vertentes natureza/cultura, revela na mulher a existência de traços que a aproximam mais da natureza, todavia existem elementos que também a conecta com a cultura. Para Beauvoir (1953, p.60), "a mulher, muito mais do que o homem, é a vítima das espécies". Dessa forma, correlacionando Madalena a esse contexto, a personagem incorpora-se nas duas perspectivas, justamente por ser enquadrada no aspecto biológico, sendo inferiorizada e visada por seu esposo, exclusivamente para "fins maternos e domésticos", além de ser vítima de discursos opressivos, incluindo-se o fator cultural, o qual a sociedade institui regras para o gênero feminino, instituindo comportamentos e hábitos a serem seguidos.

No entanto, Madalena segue os padrões culturais da mulher liberta, humanista, guiada pelos sentimentos, todavia vemos a sociedade patriarcal, juntamente com o seu esposo, sobrepujaram a audácia e a coragem da personagem que se vê inserida em um campo agressivo, lastimável que tira a sua alegria e a vontade própria. Assim, conforme Beauvoir assinala, a mulher é inferiorizada por especificidades culturais ao manter um liame mais estreito com a natureza do que o homem, por ser a única geradora de outro ser, desvelando-nos o pertencimento da mulher tanto para a natureza quanto para a cultura. Por conseguinte, é oportuno frisar sobre o multiculturalismo, o qual Stephen Stoer e Luiza Cortesão (1999) incluem uma expressão utilizada que assim descreve:

Ao apontar o multiculturalismo como uma nova forma de globalização, Boaventura Sousa Santos afirma que o mundo é um “arco-íris de culturas” (Santos, 1995). Ora, partindo deste conceito para uma (eventualmente arriscada) analogia, e admitindo que é importante ser capaz de “ver” este e outros conjuntos de cores, poderemos recordar que algumas pessoas, apesar de disporem de um aparelho visual morfológicamente bem constituído, não são capazes de discernir toda uma gama de tonalidades que compõem o arco-íris. Alguns ficam com uma capacidade reduzida de identificação de tons cinzentos: são os daltônicos. A analogia proposta aqui é a de que a não conscientização da diversidade cultural que nos rodeia em múltiplas situações, constituiria uma espécie de “daltonismo cultural” (STOER, CORTESÃO, p. 56).

A analogia exposta é dotada de significado e relevância, sendo até mesmo interpretada metaforicamente, quando expressa “o mundo é um arco-íris de culturas”. Dessa forma, é pertinente acentuar a amplitude de sentidos, que comporta o arco-íris, empregando até mesmo uma dimensão enigmática, retratando a importância da visualização de um conjunto de cores, que seja compartilhado através do reconhecimento de outros tons, visto que há incompatibilidades quando dizem respeito a tons diferentes. Dessa maneira, as cores seriam “a diversidade cultural”. Os autores desenvolvem ainda outra perspectiva comparativa, fazendo alusão aos “daltônicos”, caracterizados justamente pela ausência da percepção de algumas cores, assim sendo, pode-se concluir a não aceitação da extensão da diversidade cultural.

Dessa maneira, torna-se fundamental se desvendar os processos de construção deste “daltonismo cultural”, o qual predominantemente contribui para um caráter monocultural da sociedade, principalmente, quando envolve indivíduos que se concentram em contextos culturais habitualmente não valorizados, de maneira que a excessiva distância entre suas experiências socioculturais são responsáveis pelo desrespeito e não aceitação do diferente e desconhecido. Assim sendo, Ortner (2017) afirma:

A universalidade da subordinação feminina, o fato de existir em todo tipo de classificação social e econômica e em sociedades de todo grau de complexidade, indica que estamos frente a algo muito profundo e inflexível e que não podemos desenraizar simplesmente reclassificando algumas tarefas e papéis no sistema social, ou, mesmo, reordenando toda estrutura econômica (ORTNER, 2017, p. 91).

De fato, é nítido o caráter de inferiorização empregado à mulher, sendo considerada uma realidade pancultural, existente independentemente do grupo social e nos mais diversos tipos de sociedade. A forma pela qual as mulheres são tratadas varia de acordo com a cultura que está inserida, mas em todo lugar a mulher de alguma maneira é inferiorizada. A autora faz uma indagação de como identificar que uma cultura

específica considera mulheres inferiores? Sendo assim, aponta três tipos de dados suficientes para identificação:

(1) o elemento de ideologia cultural e as colocações informativas que explicitamente desvalorizam as mulheres, e, com elas, seus papéis, suas tarefas, seus produtos e seus meios sociais com menos prestígio do que os relacionados aos homens e às funções masculinas correlatas; (2) esquemas simbólicos, interpretados implicitamente como uma colocação de avaliações inferiores; e (3) as classificações socioestruturais que excluem as mulheres da participação em, ou do contato com algum domínio no qual reside o maior poder da sociedade [...] (ORTNER, 2017, p.94).

Corroborando com o trecho acima, estes são elementos que possibilitam a análise de uma cultura, para verificação se há ou não traços que respaldam uma inferioridade feminina. Nesse sentido, é válido ressaltar a autora Ruth Benedict (2013) ao citar em seu livro intitulado: *Padrões de Cultura*, exemplificações de culturas diversas em vários países, entre elas, há uma que revela a questão da exclusão das mulheres de ritos.

Na Austrália, por sua vez, a condição de adulto significa participação num culto reservado apenas aos homens e cuja característica essencial é justamente a exclusão de mulheres. Nenhuma mulher deve ter conhecimento dos ritos, e qualquer uma que sequer ouvir o som do zunidor nas cerimônias é morta (BENEDICT, 2013, p. 29).

Conforme o explicitado, percebe-se que o exemplo da autora mantém uma relação com o terceiro tipo exposto por Ortner (2017). Ressaltando que, a presença de um destes elementos, torna-se suficiente para enfatizar a exclusão feminina. Ambos revelam a não participação de mulheres em rituais, cerimônias, dentre outros. Desse modo, escolheu-se um exemplo que retratava justamente sobre a exclusão de mulheres, que se por acaso apenas ouvissem algo referente às cerimônias seriam mortas. Assim, as mulheres seguem um padrão de subordinação ao sexo oposto que se ramifica em todas as sociedades.

Hodiernamente, as mulheres conseguiram um avanço na perspectiva da visão reducionista, relacionada principalmente com o papel de submissão, servidão e ausência de protagonismo. Tal posicionamento não foi de fato totalmente superado, todavia é perceptível e sucessiva a quebra de estereótipos negativos do papel da mulher na sociedade. A mulher adquiriu conquistas como a sua inserção no mercado de trabalho, ampliação de sua liberdade sexual e reprodutiva, a conquista da independência financeira e dos direitos políticos. Mesmo possuindo antigos e novos desafios a serem combatidos, a mulher conseguiu uma certa expansão da sua liberdade de escolha, de

forma que tem a possibilidade de desempenhar a multiplicidade de funções que lhe é imposta ou optar por dar ênfase a vida profissional por exemplo. Podendo, prosseguir sem nenhum problema, ser uma excelente dona de casa e mãe, portanto que não reduza a sua valorização como mulher. O poder de escolha é com certeza uma das maiores conquistas das mulheres, justamente por poderem decidir o seu futuro.

CONCLUSÃO

Diante do que foi visto, destaca-se a relevância de estudos relacionados à representação feminina, mediante a explanação de temáticas que resgatam a história da mulher, expondo posicionamentos os quais fornecem reflexão e compreensão dos motivos pelos quais as mulheres até hoje ainda concentram-se em calabouços impregnados de discriminação, inferiorização e desrespeito. As mulheres foram e continuam sendo severamente atacadas pelo sexo oposto, fisicamente e principalmente psicologicamente. Nesse contexto, engloba-se a obra literária quanto elemento de validação da historicidade, intercalando aspectos da memória com elementos atuais, mantendo desta forma uma interdisciplinaridade com áreas afins, demonstrando componentes causadores de dominação e submissão da figura feminina.

Durante a história, a mulher enfrentou diversas lutas para poder conquistar os direitos que possuem nos dias de hoje. Todavia, mesmo após todos os enfrentamentos, depois de décadas, as mulheres ainda sofrem com a invisibilidade, são menosprezadas pelo simples fato de ser mulher. Tidas como objetos a serem possuídos, através de uma sociedade predominantemente machista, não olham para os talentos, profissões das mulheres, e sim se concentram em enxergarem apenas as silhuetas, o grau de perfeição corporal, cor de cabelo, dentre outras características físicas predominantemente. Dessa forma, compartilha-se com Laraia (2009) o qual ressalta a cultura em harmonia com as posturas corporais, de modo que permanece concatenada com as vestes de toda a sociedade, determinando se são adequadas ou não, além de estabelecer as relações comportamentais que são instituídas no processo de socialização, no que se refere a cada comunidade específica de um indivíduo.

A dominação masculina, que concebe as mulheres como objetos simbólicos, cujo tem por efeito colocá-las em permanente estado de insegurança corporal, ou melhor, de dependência simbólica: elas existem primeiro pelo, e para, o olhar dos outros, ou seja,

enquanto objetos receptivos, atraentes, disponíveis. Delas se espera que sejam "femininas", isto é, sorridentes, simpáticas, atenciosas, atualmente, o corpo feminino segue padrões estéticos cruéis: instaurados principalmente pela mídia, que demonstra que a mulher deve ser magra, na maioria das vezes, ter a pele branca e quase sempre loira. Nesses casos, a mulher possui dois aspectos característicos: ou ela é a ingênua, submissa e dona do lar, e aparece com produtos de limpeza, cuidando da casa e dos filhos, ou é um símbolo sexual, despertando o desejo masculino. Infelizmente, esta é a visibilidade na maioria das vezes empregadas à figura feminina. Assim sendo, os estudos de gênero trata-se de uma temática a qual faz um apanhado histórico que serve como aporte para as demais pesquisas desta mesma linha teórica.

REFERÊNCIAS

1. BEAUVOIR, Simone. **O Segundo sexo: fatos e mitos**. Tradução de Sérgio Milliet. 4. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1980.
2. BENEDICT, Ruth. **Padrões de Cultura**. Petrópolis: Vozes, 2013.
3. BRASIL. **Enfrentando a violência contra a mulher**. Brasília: SEPM, 2005.
4. Bruhns, H. T. (1995). Corpos femininos na relação com a cultura. In: E. Romero (Org.), *Corpo, Mulher e Sociedade* (Coleção Corpo e Motricidade, pp. 71-98). Campinas, SP: Papirus.
5. ESTES, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos: Mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem**; tradução de Waldéa Barcellos; consultoria da coleção, Alzira M. Cohen. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
6. FOUCAULT, M. **A história da loucura**. São Paulo: Perspectiva, 1999.
7. FRIEDAN, Betty. **Mística Feminina**. Rio de Janeiro: Vozes Limitada, 1971.
8. GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
9. GONÇALVES, Rogério Gustavo. **Dialogismo e ironia em São Bernardo, de Graciliano Ramos**. São Paulo: Editora Unesp, 2012.
10. ORTNER, Sherry B. Está a mulher para o homem assim como a natureza está para a cultura. In BRANDÃO, Izabel; CAVALVANTI, Ildney; COSTA, Cláudia de Lima; LIMA, Ana Cecília Acioli (Orgs) **Traduções, de Cultura: Perspectivas Críticas Femininas**. Florianópolis: EDUFAL: Editora da UFSC, 2017.
11. PAZ, Octávio. **O labirinto da solidão e post scriptum**. Tradução de Eliane Zagury. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
12. RAMOS, Graciliano. **São Bernardo**. 86. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

13. SCIACCA, Michele Federico. Silêncio e palavra. Tradução Flávio Loureiro Chaves e Maria Tereza Pasquini. Porto Alegre: UFRGS, 1967.
14. STOER, Stephen; CORTESÃO, Luisa. **“Levantando a pedra”**; da pedagogia inter/multicultural às políticas educativas numa época de transnacionalização. Porto: Afrontamento, 1999.
15. TEDESHI, L. A. **História das mulheres e as representações do feminino**. Campinas: Editora Curt Nimuendajú, 2008.